

ENVOLVIMENTO E DESENVOLVIMENTO NO VALE DO ITAJAÍ: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA UMA PRÁTICA EMPREENDEDORA INDÍGENA.

Título da Sessão Temática: Dinâmicas socioeconômicas regionais

RESUMO

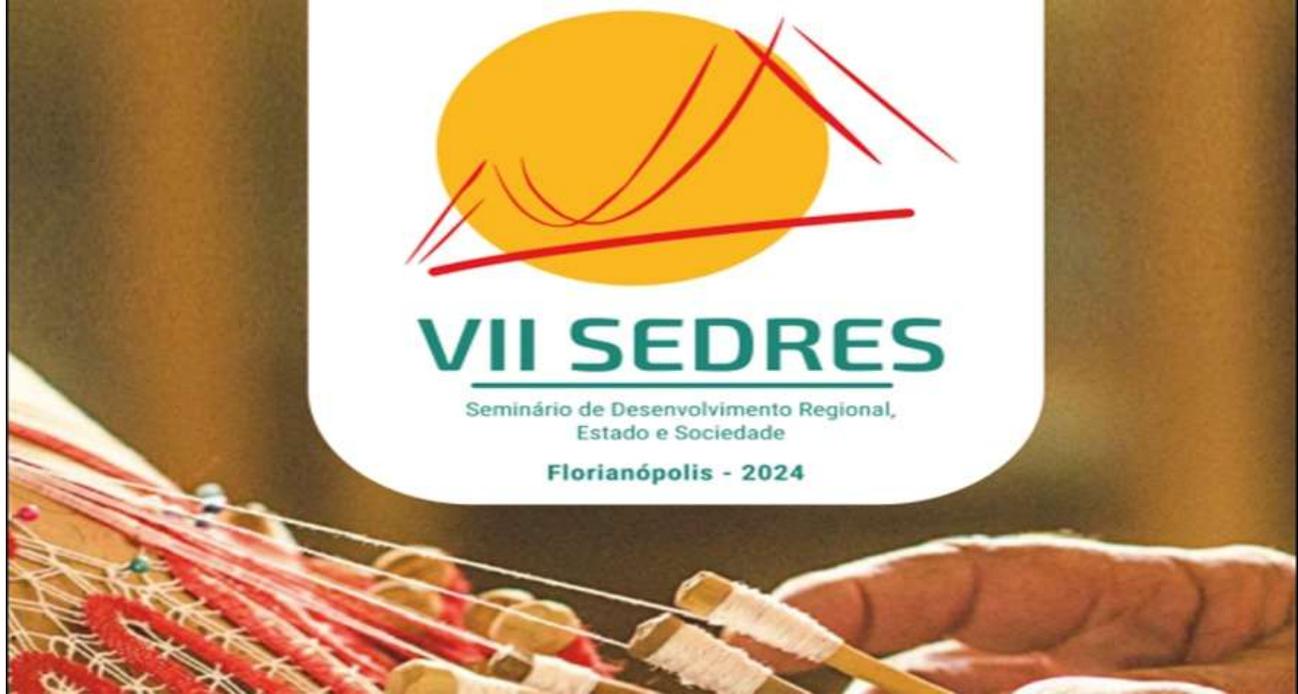
Empreender é assunto recorrente nas discussões e projetos sobre desenvolver o Vale do Itajaí. Historicamente, o processo colonizador europeu minimizou, quando não buscou destruir saberes, tecnologias ancestrais e a cultura do Povo Indígena Laklãnõ/Xokleng (LX), habitante originário no território. O empreender no contexto indígena, é inspirado em motivações e necessidades específicas numa relação de vida e trabalho inspirado nas suas tradições, culturas, identidades e ancestralidades, como forma de sobrevivência econômica e resistência frente aos desafios hodiernos. O objetivo desta comunicação é identificar na vida e formas de trabalho contemporâneo Laklãnõ/Xokleng (LX), possibilidades de/para uma prática empreendedora indígena. A investigação de cunho bibliográfico e social sinalizou como resultados o existir e o buscar de práticas do empreender indígena por meio do/no trabalho contemporâneo do povo LX.

ASPECTOS METODOLOGICOS

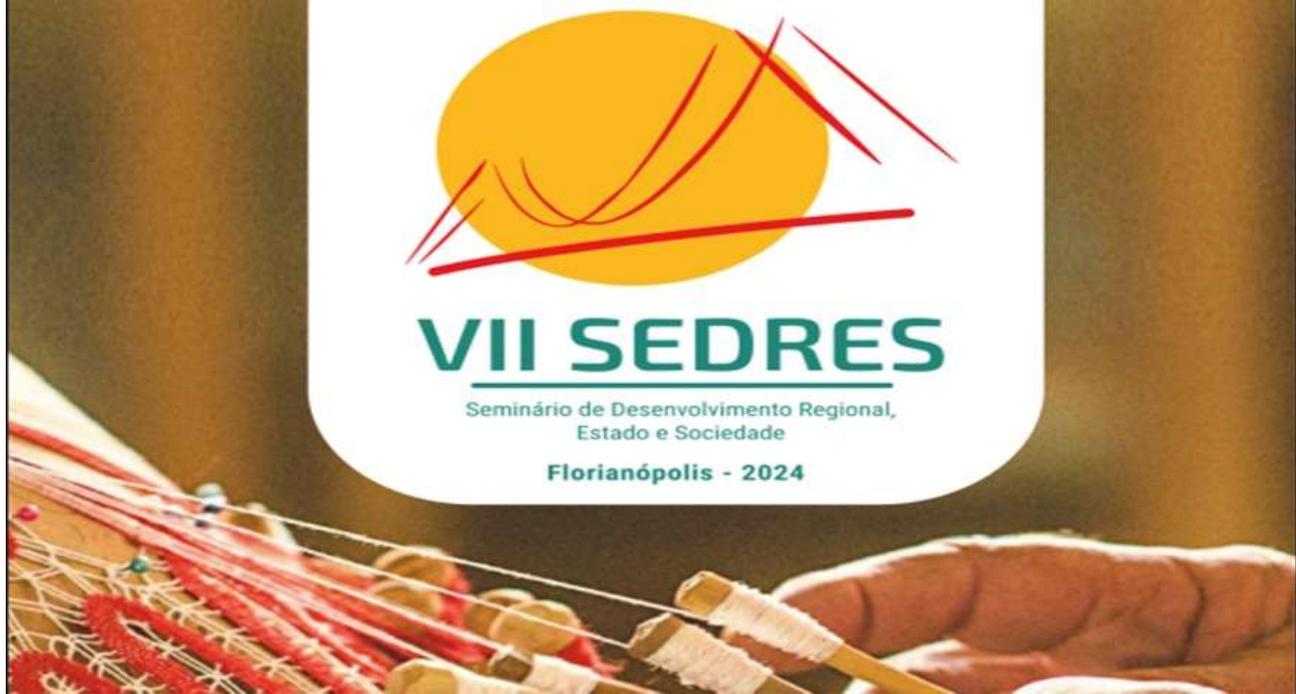
Estudo bibliográfico e social com visitas e conversas informais na Terra indígena Ibirama Laklãnõ (TIIL).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Historicamente no Brasil, os indígenas foram vistos como não aptos ao trabalho, néscios e indolentes. Entretanto, o trabalho sempre esteve presente nas suas culturas – sentido de ser e viver, embora diferenciado em relação aos tempos, espaços e lugares não indígenas (Antunes,2022), por isto, invisibilizado e não reconhecido pelo mundo ocidental. O povo LX, originário de Santa Catarina, teve suas tradições, tecnologias ancestrais, cultura e população quase extintas pelos processos colonizadores eurocêntricos pós 1850 (Santos, 1973). Contudo, sua resistência e resiliência o trouxe a outros tempos, preservando sua essência e buscando soluções para os problemas em relação ao ‘desenvolvimento’ colonizador, a partir de suas experiências, conhecimentos e identidade históricos (Cepal,1995). O povo LX, subalternizado e excluído do desenvolvimento na região do Vale do Itajaí, vive uma luta contínua em busca por equidade e inclusão social, pois enquanto as cidades da região encontram-se “[...] em pleno desenvolvimento econômico, a comunidade é sobrevivente de um processo de colonização, que quase os exterminou, onde decisões governamentais tomadas no passado



ainda repercutem atualmente.” (Dagnoni, 2014, p. 37). O povo LX reconhece e se orgulha do seu passado e ancestrais - do “índio que veio do mato”. Não quer o retorno a esse passado e sim uma vida no presente com dignidade e garantia de futuro para as novas gerações, que rompa com a visão única de um paradigma ocidental, que impõe um só modo de viver (Macas, 2014) e de desenvolvimento (Sachs, 1986). Na atualidade, entre outras lutas e temas, os que mais preocupam a comunidade LX estão a educação, a saúde, a geração de renda e a demarcação da terra como uma garantia de que as novas gerações terão onde e como viver. Na TIIL existem projetos, que utilizam conhecimentos e tecnologias adaptados à realidade local (Bento 2018; Fernandes, 2019; Fontoura 2021). O modo de sobrevivência no território indígena LX depende do cultivo de uma terra pouco produtiva, venda de mel, criação e venda de artesanato, criação de animais, trabalho sazonal na zona urbana, aposentadoria, bolsa família, pensão e assistência da FUNAI. Uma atividade recente é a de guia para a Trilha da Sapopema organizada por integrantes da Aldeia Bugio (Kreutz; Baumgartner, 2014). Outras trilhas com seus itinerários e atividades culturais estão sendo construídos coletivamente no interior da TIIL. Frente às dificuldades existentes, ocorre também a migração temporária ou de longo prazo de indígenas para outras cidades, como Blumenau e Rio do Sul, onde produzem e/ou vendem artesanatos como uma forma de acesso a geração de renda. Contudo, enfrentam muitos desafios, como a falta de uma digna acolhida e reconhecimento de sua cultura, saberes e valor, em parte ainda oriundos de um processo regional de discriminação e preconceito construído e amalgamado historicamente (Wartha, 2018). Para os povos indígenas o trabalho é encarado com alegria e festa - um fazer para o bem comunitário e crescimento coletivo, um grande desafio aos hábitos marcados pelo ritmo do capitalismo (Gerius, 2013). Do conjunto de atividades relacionadas a um trabalho que faz sentido, emerge a prática empreendedora indígena, em favor de sua sobrevivência e autonomia, reafirmando sua identidade e cultura, pois empreender os conecta com seu povo, história e forma e tempo ancestral de ser e viver. A prática empreendedora, baseada nas tecnologias ancestrais e identidade está intrinsecamente envolvida na valorização e resgate da cultura, tradições ancestrais, sobrevivência, melhora da vida e modo coletivo de Bem Viver (Martinez, 2016). Um coletivo indígena, que se lança a empreender com a ideia de dar continuidade a um legado familiar aplicando técnicas passadas por gerações, desenvolve uma atividade, que proporciona identidade, gratificação e realização integrando e enriquecendo as dinâmicas socioeconômicas e culturais regionais. Essa atividade não pode se configurar como um empreendimento por oportunidade, mas um empreendimento por necessidade, embora não seja apenas no sentido econômico, mas também um empreender pela identidade cultural (Novelo; Mendez, 2022). O desafio ao empreender indígena traz possibilidades aos povos originários de o fazerem respeitando seu conhecimento e sua ancestralidade praticando tecnologias ancestrais, indo contra o movimento colonial eurocêntrico, que o desqualifica como trabalhador e empreendedor (Dana, 2007).

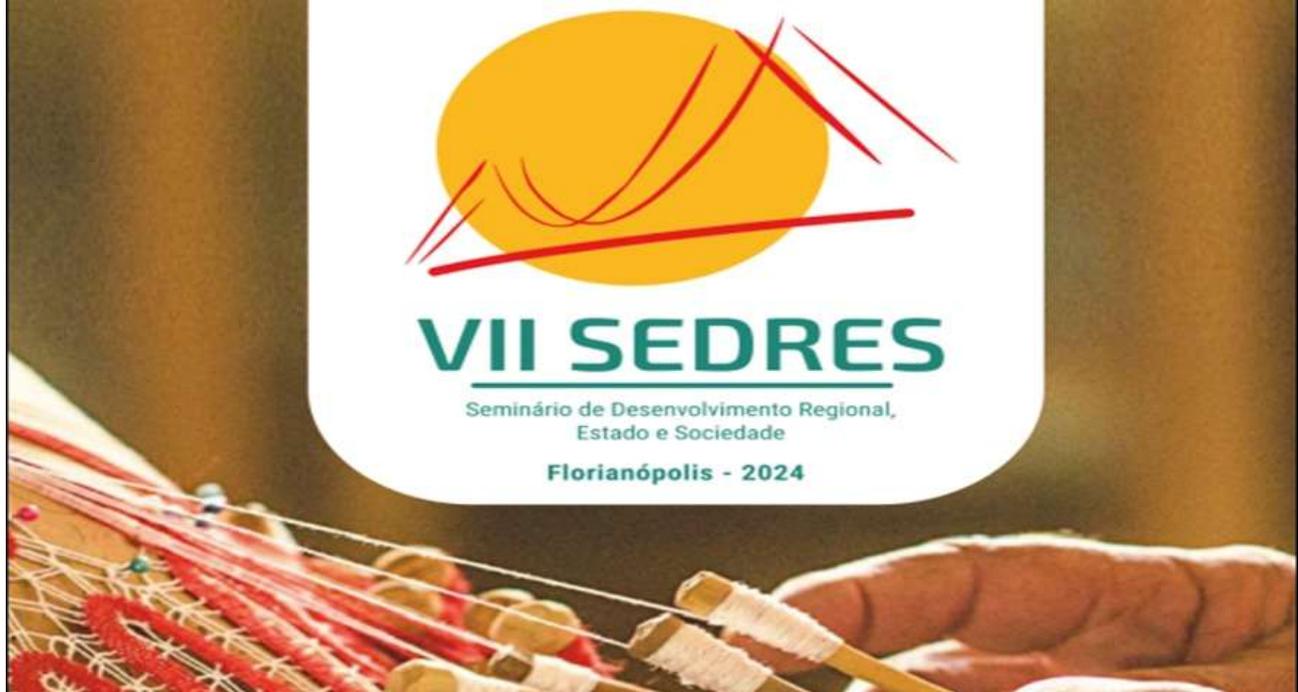


RELAÇÃO COM A SESSÃO TEMÁTICA

Debater os desafios e possibilidades do empreender indígena com cenários regionais socioeconômicos e contemporâneos alternativos. O trabalho indígena cotidiano, que o move e faz sentido, pode levar a prática de um empreender indígena, alicerçando o desenvolvimento em dinâmicas socioeconômicas regionais, indo contra modelos hegemônicos e eurocêntricos protagonizando movimentos de resistência e decolonialidade.

REFÊRENCIAS

- ANTUNES, Ricardo. (2000) **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed. São Paulo: Bontempo
- BENTO, Karla Lúcia. **Povo Laklãnõ/Xokleng e/em processos de decolonização**: leituras a partir da Escola Indígena de Educação Básica Vanhecu Patté - Aldeia Bugio. 2018. 245 f., il. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2018.
- BUSARELLO F. R., HINKEL J. **A Cor Canela e a Cidade Loira**: um estudo de caso sobre a identidade dos povos originários no contexto urbanizado de Blumenau. *Emancipação*. v.16 n.2, p. 330-343, 2017
- CEPAL – **Comisión Económica para América Latina y el Caribe**. El etnodesarrollo de cara al siglo veintiuno. 1995.
- CRENDÔ, Jair Ghoguin. **O Espaço tradicional Xokleng/Laklãnõ**. 2015. 32f. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- DAGNONI, Catia. Indígenas e não indígenas no Vale do Itajaí: encontros e desencontros. In: OLIVEIRA, Lilian Blanck; KREUZ, Martin; WARTHA, Rodrigo. (orgs). **Educação, História e Cultura Indígena: desafios e perspectivas no Vale do Itajaí**. Blumenau: Edifurb, 2014, p. 21 – 46.
- DANA, L.P. **International handbook of research on indigenous entrepreneurship**. Edward Elgar Publishing, 2007.
- FERNANDES, Ainá Sant'Anna et al. Caminhando na trilha da Sapopema: prática, cultura e conhecimento entre os Laklãnõ/Xokleng. **Dissertação de Mestrado** apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC, 2019.
- FONTOURA, Georgia Carneiro de. **Memória e/m resistência Laklãnõ/Xokleng**: contribuições e desafios para um pensar-ser-fazer decolonial e intercultural no Vale do Itajaí / Georgia Carneiro da Fontoura. - 2021. - 217 f. : il.
- GERIUS. Renate. Economia e Bem Viver. In: MARKUS, Clede; GIERUS, Renate (orgs). **O Bem Viver na Criação**. São Leopoldo: Oikos; COMIN, 2013.



- KREUZ, Martin; BAUMGÄRTNER, Mayane K. O uso de fontes no estudo da história e cultura indígena. In: Oliveira, Lilian Blanck; Kreuz, Martin; Wartha, Rodrigo. (Orgs). 231
- MACAS, Luis. “El Sumak Kawsay”. In: HIDALGO-CAPITÁN, Antonio Luis; GARCÍA, Alejandro Guillén; GUAZHA, Nancy Deleg. (Editores). Sumak Kaesay Yuyay – **Antología del Pensamiento Indigenista Ecuatoriano sobre Sumak Kawsay**. Huelva y Cuenca: FIUCUHU, 2014, p. 177-192.
- MARTÍNEZ, Beatriz Elena Jiménez et al. Alternativas de organización para emprendedores indígenas: Procesos de apropiación social del conocimiento a partir de su cosmovisión. **Entretexos**, v. 8, n. 23, p. 1-14, 2016.
- MENEZES, Elaine Cristina de Oliveira et al. **Industrialização e meio ambiente no estado de Santa Catarina**: estudo de caso sobre a evolução e os impactos socioambientais do segmento têxtil-vestuária na microrregião do Alto Vale do Itajaí. 2009.
- NOVELO, Anel Flores; MONTIEL MÉNDEZ, Oscar Javier. Uma perspectiva empreendedora das civilizações mesoamericanas: implicações para a América Latina. In: **O Manual Esmeralda de Empreendedorismo na América Latina**: Liberando um Potencial Milenar . Emerald Publishing Limited, 2022. p. 275-296.
- SACHS, Ignacy. **Ecodesenvolvimento crescer sem destruir**. Vértice, 1986.
- SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Índios e brancos no Sul do Brasil**: a dramática experiência Xokleng. Florianópolis: Edeme, 1973.
- SEYFERTH, Giralda. O colono múltiplo: transformações sociais e (re)significação da identidade camponesa. Raízes: **Revista de Ciências Sociais e Econômicas**, v. 31, n. 1, p. 10-24, 2011.
- WARTHA, Rodrigo. Processo de colonização no Vale do Itajaí: elementos na/para construção do território e identidades. 123f.Dissertação. (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2018.
- WITTMANN, L.T. 2007. **O vapor e o botoque**: imigrantes alemães e índios xokleng no Vale do Itajaí/SC (1850-1926). Florianópolis, Letras Contemporâneas, 265 p.